

**O NOVO MUNDO: UMA FORMA DE ENCARAR AS RELAÇÕES
FAMILIARES - SEXO, AMOR E CASAMENTO NA AMÉRICA PRÉ-
COLOMBIANA**

Francisco Robson Alves de Oliveira

Francisco Victor Pereira Braga

Nívea Marques Monteiro

RESUMO

O artigo analisa aspectos da vida cotidiana nas civilizações da América Pré-Colombiana - no caso os incas e os astecas -, fazendo um estudo comparativo com a Europa Ocidental Cristã. Mesmo levando em consideração que alguns dos termos abordados são de matriz européia, é proposta uma comparação entre a visão do Velho Mundo cristão e do Novo Mundo e suas civilizações acerca do casamento, do sexo e do amor, salientando suas diferenças, as práticas e as formas distintas de entender tais aspectos.

Palavras-chave: Casamento; Sexo; Virgindade; Amor; América Pré-Colombiana.

INTRODUÇÃO

A vida cotidiana demonstra vários aspectos da mentalidade de uma sociedade. Revela-nos os afetos, as idéias, os sentimentos e as emoções existentes nas relações sociais, assim como seu sistema de valores historicamente construídos e diferenciados nas mais diversas civilizações. Antes de tudo, é preciso compreender a história como experiência social resultante das relações entre os seres humanos em que seu conjunto de práticas culturais, seja nas relações de poder, seja nas relações de reciprocidade, produz uma realidade, que deve ser entendida não como diferente, mas como particular, tendo em vista as singularidades que compõem a “teia histórica”.

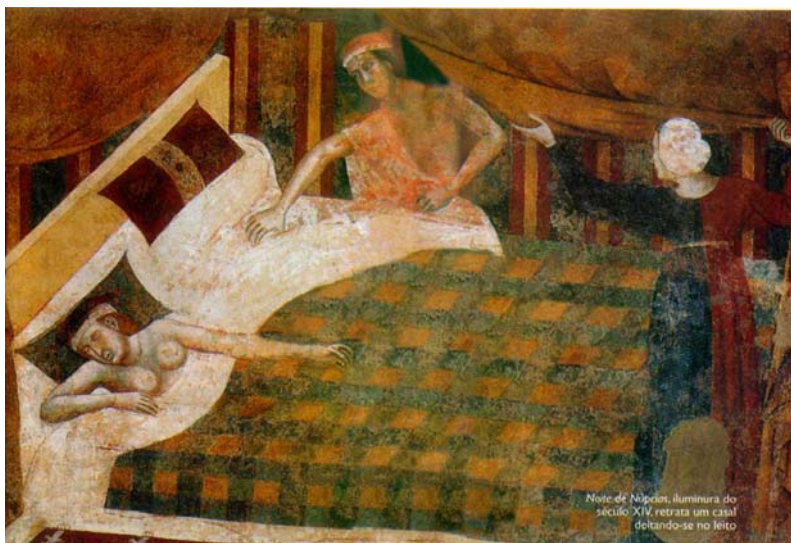
É nesse sentido que entendemos que o sexo, o amor e o casamento assumem um papel importante para a compreensão das relações familiares em uma realidade historicamente situada. Propomos uma análise a partir da comparação entre as formas de entender esses aspectos da vida social na América Pré-colombiana e no Ocidente cristão até o século XV.

Os homens nas civilizações pré-colombianas, das quais pretendemos analisar os Incas e os Astecas, em comparação com os europeus, tinham uma maneira distinta de se relacionar entre si, ocasionando uma visão particular acerca da sexualidade e da afetividade. Nesse ponto, é que pretendemos destrinchar a forma de encarar as relações de união, aqui entendidas como casamento, de afetividade entendida como o amor e a sexualidade, tratando de temas como virgindade e adultério.

É, no entanto, imprescindível o uso de termos e conceitos que irão facilitar nossa análise, apesar de serem alguns destes originários da doutrina cristã, como casamento e virgindade, serão utilizados aqui para uma melhor compreensão do nosso estudo.

CASAMENTO, UMA INVENÇÃO CRISTÃ... CASAMENTO ENTRE AMERÍNDIOS?

Nos inícios do cristianismo não se priorizava o casamento nem a família, mas sim a castidade e a virgindade. A Igreja hostilizou o casamento usando o discurso de que a vida conjugal traria angústia espiritual, exaltando a virgindade da mulher e a castidade do homem, para atraí-lo à vida monástica. “As uniões entre homens e mulheres eram, então, o resultado complexo de renitências pagãs, de interesses políticos e de uma poderosa evangelização”¹. O casamento seria apenas uma concessão, para evitar a fornicção e com o tempo passou a objetivar apenas a procriação.



*Noite de Núpcias*² (foto ao lado), iluminura do século XIV, retrata um casal deitando-se no leito.

Com o fim do Império Romano e as invasões

germânicas, o casamento se torna mais freqüente e difundido na sociedade; entre os nobres estava ligado à linhagem, a descendência e por sua vez à transmissão de títulos e heranças. Mesmo se tornando freqüente, a Igreja continuava não atuando nos domínios do casamento. Somente depois da degradação do Império Carolíngio, no século IX, a Igreja passou a intervir no casamento dos nobres, demonstrando o interesse que passou a ser dado ao assunto.

Já na civilização inca o casamento tinha grande importância e estava diretamente ligado à sobrevivência dos indivíduos e da economia do império:

Ao se casar, cada homem adulto do *ayllu* [Comunidade patrilinear formada por certo número de famílias extensas que viviam próximo umas das outras e trabalhavam coletivamente] recebia do Sapa Inca [Imperador, Soberano Inca] um pedaço de terra, ou topo, de tamanho apenas suficiente para manter a ele e a esposa[...]. O recém-casado, que se tornara proprietário de um topo, era automaticamente registrado como *puric*, um chefe de família e pagador de impostos, sendo obrigado a trabalhar também nas terras do Estado e nas propriedades do clero.³

Os incas tinham sua economia baseada na agricultura que exigia mão-de-obra abundante e esse era o papel dos plebeus incas que, ao se casar, estabeleciam uma família e

recebiam suas terras para cultivar e contribuir para o sucesso da colheita, que era muito importante para o *ayllu* e fundamental para a sustentação do império inca. Nesse sentido o casamento era necessário e quase que obrigatório, pois possibilitava além da formação da família – que era um dos sustentáculos psicológicos para a pesada carga de trabalho - a garantia de filhos que o casal iria ter e que futuramente serviriam de mão-de-obra. O Estado inca tratava até mesmo de escolher datas para a realização das cerimônias de oficialização das uniões. A cerimônia era coletiva e profana e acontecia em praça pública. Era um método simples de fazer com que as pessoas se casassem, pois se juntavam os homens e as mulheres que estavam na idade prescrita (entre 16 e 20 anos para as mulheres e por volta dos 25 anos para os homens) na praça da cidade e o homem escolhia a mulher de sua predileção. O caráter de obrigatoriedade do casamento se revela mais ainda quando o *curaca*, que era um funcionário do Estado, escolhia as mulheres para os homens que não haviam se decidido por conta própria.

O casamento asteca era como um “negócio”, pensado e realizado com a intenção de que fosse bem-sucedido. A família do noivo tinha que conhecer a família da noiva, visitando repetidas vezes a casa dela para avaliar a pretensa esposa, e somente após todos os membros da família do noivo concordarem se concluiria o acordo. Havia ainda intermediários, que facilitavam o contato entre as famílias:

Ao completar 20 anos, o jovem podia se casar. As moças casavam mais cedo, com 14 e 15 anos. Os pais do noivo escolhiam a esposa para ele, com o auxílio de um adivinho, que analisava o signo do nascimento dos eventuais pretendentes para assegurar uma união bem sucedida.⁴

Nas civilizações pré-colombianas admitia-se a poligamia, mas com algumas diferenças. Nos incas a poligamia era permitida somente entre os nobres, enquanto a monogamia era regra entre os plebeus. Entre os astecas a poligamia era permitida para os homens, independente de sua classe social, contanto que pudesse sustentar todas as esposas. No mundo cristão a monogamia era estrita. Interessante perceber que tanto no mundo cristão como na sociedade inca o casamento era indissolúvel. Para os cristãos: “[...] O

divórcio somente foi admitido, sem contestação, para os casos em que um dos cônjuges resolvesse aderir a vida monástica”⁵. Para os incas a indissolubilidade do casamento era obrigatória por lei e nem mesmo a aristocracia escapava disso:

Se um homem mandava sua mulher embora, era obrigado a aceitá-la de volta [...] o nobre podia fazer o que bem entendesse de suas “esposas secundárias”, mas não podia repudiar a primeira e legítima esposa, nem dá-la para outro homem.⁶

Entre os astecas, o adultério era punido severamente, as pessoas eram apedrejadas, lançadas ao rio ou aos abutres – levando em consideração que a sociedade asteca era regida por uma rigorosa ordem social e um severo código de ética. No mundo cristão os casados não deveriam ter concubinas e se as mulheres cometessem adultério seriam repudiadas. Como o adultério está diretamente ligado ao amor carnal, ele foi devidamente reprovado pela Igreja que aceitava o casamento apenas para a procriação, na tentativa de evitar a cópula ilícita.

A APOLOGIA DA VIRGINDADE E A VIRGINDADE DESPREZADA

[...] A virgindade era vista como uma desvantagem para a mulher, pois os índios acreditavam que só ficariam virgens aquelas que não tinham conseguido se fazer amar por ninguém.⁷

Como se vê na citação acima, escrita pelo Padre Cobo, percebe-se a indiferença com que era vista a virgindade na civilização inca. Podemos confirmar a partir de outros cronistas que algumas vezes a mulher chegava a ser castigada por seu marido pelo fato de não ter tido amantes antes do casamento. Diferentemente da tradição cristã que desde seu início pregava a virgindade como um ideal. Ronaldo Vainfas, em seu livro *Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão*, coloca:

Entre o fim do mundo terreno e a salvação possível, a virgindade era a garantia da ascese, o retorno à origem e à imortalidade, como dizia Metódio. Era antes de tudo, a expressão

corporal da alma triunfante sobre a morte, sobre o devir, sobre o tempo. O corpo virgem, pregava Crisóstomo, era o templo da alma apta para o movimento ascendente rumo a Deus. Ser virgem era, assim, dedicar-se à contemplação, exercício inseparável, no dizer de Gregório de Nissa, da incorruptibilidade do corpo.⁸

A virgindade no ocidente cristão é posta como algo primordial, uma virtude que deveria ser almejada pelas mulheres. Era um discurso feito pela Igreja e pelos homens para as mulheres. Enquanto para os incas ser virgem não tinha quaisquer implicações religiosas ou éticas.

O AMOR: SEXUALIDADE, AFETIVIDADE E SOLIDARIEDADE

O amor, sentimento entendido e praticado de diferentes formas ao longo dos tempos, era visto de maneira peculiar nas civilizações pré-colombianas tal como em seu sentido afetivo e solidário. Podemos perceber a solidariedade na sociedade inca, primeiramente no *ayllu*, onde predominava a ajuda mútua entre as pessoas. Todos ajudavam uns aos outros no cultivo das suas terras e também ajudavam os recém-casados a construir suas casas. Um momento em que percebemos a afetividade era na chegada de um bebê, que era um acontecimento de grande importância e celebrado com muita alegria - claro que vale ressaltar que as crianças eram vistas como futura força de trabalho.

Na sociedade asteca o nascimento de um bebê era um momento de muita alegria, todos da comunidade se mobilizavam para participar do acontecimento: “O nascimento era seguido por quatro dias de festas, durante os quais a família recebia visitas dos parentes, que ofereciam presentes e cumpriam certos rituais”⁹. Para os astecas as crianças plebéias formariam uma nova geração de guerreiros - uma das características da civilização asteca era sua belicosidade.

Pensando a afetividade no mundo cristão, percebemos a frieza e a indiferença com que era tratado o nascimento de um bebê. De acordo com Elisabeth Badinter, na obra *¿ Existe el amor maternal? :*

Al indagar en los documentos históricos y literarios la sustancia y la calidad de las relaciones entre la madre y su hijo hemos constatado o bien indiferencia, o bien recomendaciones de frialdad, y un aparente desinterés por el bebé que acaba de nacer.¹⁰

Até por volta do século XVIII, no mundo europeu-cristão, a criança não contava muito na família, isso quando não significava um empecilho. “En el mejor de los casos su condiciones es insignificantes. En el peor, da miedo”¹¹. Como visto acima, diferentemente do mundo inca e asteca, a criança era mal recebida. Isso devido em muito à Teologia:

Durante largos siglos, la teología cristiana elaboró a través de la persona de san Agustín una imagen dramática de la infancia. En cuanto nace, el niño es símbolo de la fuerza del mal, es un ser imperfecto, agobiado por el peso del pecado original.¹²

No mundo asteca percebemos o amor expresso de diferentes maneiras e direcionado não só a pessoas. Os astecas eram grandes amantes da palavra. A forma de expressar esse amor era a poesia, onde os poetas transmitiam seus sentimentos:



Apasionadamente, meu coração anseia pelas flores; sofro em canções, mas componho sobre a terra, eu, Cuacuauhtzin, almejo flores que não feneçam em minha mão! Onde encontrarei lindas flores, lindos cantos? Aquilo a que aspiro, a primavera não produz sobre a terra.¹³

*Xochiquetzal, deusa do Amor, México, Museu do Homem.(foto ao lado).*¹⁴

Os astecas além do amor pela palavra tinham grande admiração e respeito pela beleza das artes e da natureza - o que se contrapunha ao seu gosto pela guerra. O amor, além do expressado pelo poeta, era buscado pelas pessoas em geral, com o uso de poções

do amor que podiam ser adquiridas nos mercados astecas, o que demonstra a liberdade de prática, busca e a aceitação de tal sentimento.

Já no ocidente cristão, aqui tratando do amor na vida conjugal, percebe-se a dificuldade com que este era expresso devido às restrições impostas pela Igreja. O amor que deveria existir era o amor a Deus, não deveria haver entre os casais, o amor somente se manifestava fora do casamento, entre os amantes:

Assim, quando o amor se manifestava, ele só podia ser adúltero, ou assumir a forma de um estupro, maneira de tornar o casamento irreversível, ou de um rapto mais ou menos combinado entre o raptor e a "raptada", a fim de ludibriar a vontade dos pais. Nesses casos o amor era efetivamente subversivo, uma vez que destruía a ordem estabelecida.¹⁵

A atenção que era dada a Deus, transmitida ao povo por parte da Igreja, afastava as pessoas do amor conjugal. O amor cristão era encarado como obediência, adoração e desencarnação, propondo assim uma vida continente. Associava-se diretamente a virgindade, no caso feminino, e castidade, no caso masculino, para assim se aproximar de Deus, exercendo o verdadeiro amor. O amor, expulso do casamento, foi transformado em devoção e caridade:

A Igreja estabeleceu um fosso entre o amor e o sexo, assim como havia promovido o divórcio entre o amor e o casamento: transformou o primeiro em caridade e o segundo em rito.¹⁶

CONCLUSÃO

A partir do estudo realizado é possível entender que, tal como foi proposto no texto introdutório e exposto no decorrer do artigo, ficam claros alguns dos aspectos da vida cotidiana na América Pré-Colombiana e no Ocidente Europeu-Cristão referentes ao casamento, ao amor e ao sexo. Partindo de uma perspectiva individual - sem comparações entre um e outro - esses aspectos devem ser entendidos como particulares e singulares.

Podemos pensar no mundo pré-colombiano como um mundo ligado a afetividade e marcado pela livre expressão dos sentimentos, seja de solidariedade no caso dos incas, seja de amor no caso dos astecas, ao passo que o mundo cristão, pelo menos no período que foi estudado, era um mundo marcado pela frieza nas relações familiares e conjugais, devido ao impedimento de poder expressar os sentimentos e desejos que não fossem diretamente relacionados a Deus e permitidos pela Igreja e no caso das relações familiares devido à teologia da época que durante muito tempo condenou a criança. Entendem-se as formas como eram expressos, praticados e vividos os sentimentos, bem como estes interferiam e construíam a realidade social das civilizações inca e asteca.

Entendemos que “A interpretação histórica se faz a partir das várias experiências humanas, em suas várias temporalidades [...] Entender a história como experiência humana é pensá-la como um vasto campo de possibilidades, em que várias propostas estão postas”.¹⁷

Compreendemos que, como foi exposto sobre as civilizações pré-colombianas, apesar de nos limitarmos aos incas e aos astecas, estas sociedades possuíram uma forma peculiar de encarar as relações familiares. Virgindade, amor, casamento e sexo tinham outros sentidos e outras figurações no chamado Novo Mundo se comparados ao Velho Mundo Europeu.

NOTAS

¹ <http://www2.uol.com.br/historiaviva/> (Revista História Viva, Ano III - Nº 25.)

² Revista História Viva, Dossiê Nudez - Como ao longo dos séculos as sociedades a permitiram (e proibiram), Ano III - Nº 27. p. 33.

³ Vidas de Duro Labor e Alegre Diversão. In: *Civilizações Perdidas*. Rio de Janeiro: Abril, 1998, p. 126.

⁴ O Aspecto Amável do Mundo Asteca. In: *Civilizações Perdidas*. Rio de Janeiro: Abril, 1998, p. 145.

⁵ VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão*. São Paulo. Editora Ática. 1986, p. 33.

⁶ Vidas de Duro Labor e Alegre Diversão. *Op. Cit.*, p. 127.

⁷ *Idem*, p. 132.

⁸ VAINFAS, Ronaldo. *Op. Cit.*, p. 08.

⁹ O Aspecto Amável do Mundo Asteca. *Op. Cit.*, p. 143.

¹⁰ BADINTER, Elisabeth. *¿Existe el amor maternal?* Barcelona. Paidós / Pomaire. 1981, p. 65.

¹¹ *idem*, p. 39.

¹² *ibidem*, p. 39.

¹³ O Aspecto Amável do Mundo Asteca. *Op. Cit.*, p. 127.

¹⁴ BRION, Marcel. *A ressurreição das cidades mortas*. Rio de Janeiro, Forni. 1979, p.149.

¹⁵ <http://www2.uol.com.br/historiaviva/> (Revista História Viva, Ano III – Nº 25.).

¹⁶ VAINFAS, Ronaldo. *Op. Cit.*, p. 58.

¹⁷ BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. *Assim na Morte como na Vida: Arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915)*: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto, 2002. (Coleção Outras Histórias, 14).